

Documentação

OCIOAMBIENTAL

Fonte: fsp (Editoriais)

Data: 10/12/2001 Pg. #2

Class.: 139

**EDITORIAIS**

**O OURO DA FLORESTA**

**P**ARA MUITOS, a floresta amazônica esconde um tesouro. Calcula-se que ela contenha cerca de 20% da biodiversidade do planeta, isto é, do total de espécies animais e vegetais. Isso representaria uma fabulosa fonte de proteínas a partir das quais se poderiam desenvolver novos medicamentos. Alguns dizem que a floresta pode guardar a cura do câncer e de várias outras moléstias — e as suas respectivas receitas.

Há decerto algum exagero nessa visão, mas o potencial da floresta para a bioprospecção, a pesquisa por novos princípios ativos de medicamentos, não deve ser menosprezado.

Uma batalha importante nessa frente tem lugar nesta semana em Genebra (Suíça). Representantes de 70 países membros da Ompi (Organização Mundial da Propriedade Intelectual) se reúnem para discutir patentes e biodiversidade.

O Brasil quer regras para barrar a biopirataria e para fazer cumprir norma da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) que prevê o pagamento de royalties, por parte de fabricantes de medicamentos, aos países ou comunidades que detinham o organismo ou o conhecimento tradi-

cional que contribuiu para dar origem à droga em questão.

Na reunião de Genebra, que vai discutir a compatibilização da CDB com o Trips (as regras globais sobre propriedade intelectual), o Brasil deverá defender, por exemplo, a obrigatoriedade de que os laboratórios declarem de onde tiraram o material usado em seus remédios. EUA e Suíça, agindo segundo o interesse de suas poderosas indústrias farmacêuticas, declaram-se contrários a propostas desse teor. Afirmam que elas tendem a barrar avanços na pesquisa médica.

O fato, contudo, é que 181 países assinaram a CDB e 168 a ratificaram. Os direitos das nações detentoras de biodiversidade devem ser preservados, em que pese as enormes dificuldades práticas para fazê-lo.

O Brasil deve, por certo, procurar fazer valer seus interesses em Genebra, mas, ainda mais importante, é desenvolver seus próprios programas de bioprospecção, por meio de suas universidades ou em associação com laboratórios nacionais ou estrangeiros. Melhor do que disputar pedaços de patentes é desenvolver a pesquisa básica e a tecnologia para ser o dono delas.